

# Raízes transatlânticas da arquitetura hospitalar luso-brasileira

---

*Transatlantic roots  
of Luso-Brazilian  
hospital architecture*

---

Sergio De Simone<sup>1</sup>

---

1.  
Sergio De Simone é mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-Unifesp), arquiteto sênior e pesquisador no Centro de Memória – Instituto Butantan, Av. Dr. Vital Brasil, 1500, Butantã, São Paulo – SP, CEP 05503-900. E-mail: sergio.simone@butantan.gov.br

1.  
Tradução: Um médico pode enterrar seus erros, mas um arquiteto, o máximo que pode fazer, é sugerir aos seus clientes que plantem trepadeiras. Redacción AD. **Las mejores frases de Frank Lloyd Wright.** Revista *Architectural Digest* – AD, 2017. Disponível em: <https://www.revistaad.es/arquitectura/articulos/las-mejores-frases-de-frank-lloyd-wright/19010>. Acesso em: 18 jan. 2021.

2.  
Wright (1867-1959), nascido em Wisconsin, EUA, iniciou estudos acadêmicos em Engenharia na Universidade do Wisconsin-Madison; porém, abandonou-os e formou-se como prático enquanto discípulo do eminente arquiteto norte-americano, Louis Sullivan. Foi autor do projeto do Museu Guggenheim (NY – 1959). É considerado um dos expoentes da

*“Un médico puede enterrar sus errores, pero un arquitecto apenas puede aconsejar a sus clientes que planten enredaderas.” (REDACCIÓN AD, 2017) Frank Lloyd Wright, arquiteto.<sup>2</sup>*

A jocosa e conhecida frase de Frank Lloyd Wright sugere e revela o tanto que médicos e arquitetos necessitaram aprender para não cometerem equívocos fundamentais em seus respectivos *métiers*, particularmente no que se refere ao trato das doenças e ao complexo programa que a arquitetura hospitalar exige. O tema se expõe em *Hospitais e Saúde no Oitocentos: diálogos entre Brasil e Portugal* (2018), obra organizada por Cybelle Salvador Miranda e Renato da Gama-Rosa Costa<sup>3</sup> e impressa pela Editora Fiocruz.

A obra *Hospitais e Saúde no Oitocentos* é prefaçada pela Dra. Gisele Sanglard,<sup>4</sup> que procura apresentar o tema ressaltando que se trata de via de mão dupla entre Brasil e Portugal as influências estabelecidas pelas relações entre as nações.

No que concerne à arquitetura, a obra aponta para a superação do barroco e do rococó a partir da chegada das Cortes Portuguesas ao Brasil em 1808. Por conta desse movimento, e da constituição da denominada “Missão Artística Francesa”, o neoclassicismo estabelece-se como razão estética da produção arquitetônica analisada ao longo do livro. Ressalta, ainda, que os hospitais tanto aqui como nas cidades lusitanas eram de pequeno porte, exce-tuando-se as capitais e grandes cidades daquele período,

arquitetura moderna no século XX e sua atividade baseou-se em sua teoria orgânica aplicada à arquitetura. Fonte: **Enciclopédia Biográfica de Arquitetas e Arquitetos Digital – EBAD**. Frank Lloyd Wright: perfil Biográfico. Verbete, 2015. Disponível em: <https://www.ebad.info/wright-frank-lloyd>. Acesso em: 18 jan. 2021.

3. Arquiteta, Professora Doutora Cybelle Salvador Miranda, exerce magistério na Universidade Federal do Pará (UFPA), atuando na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Tecnologia da UFPA. Coordena o Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural, com trabalhos na área de Arquitetura e Urbanismo. Arquiteto, Professor Doutor Renato Gama Rosa Costa, é pesquisador membro do Núcleo de Estudos de Urbanismo e Arquitetura em Saúde do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz

4. Gisele Porto Sanglard é pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Doutora em História das Ciências da Saúde – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (2005), publicou vários e importantes estudos em História da Saúde. Docente do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), atua com ênfase nos seguintes temas: Rio de Janeiro, filantropia, assistência, Primeira República e saúde pública. Fonte: PPGHCS – COC/Fiocruz. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/index.php/br/docentes/103-corpo-docente/238-gisele-porto-sanglard>. Acesso em: 13 jan. 2021.

5. A Rede Brasileira de História e Patrimônio Cultural da Saúde é espaço de convergência para a promoção, organização e realização da cooperação técnica entre as instituições participantes no que diz respeito à preservação e à divulgação da memória da saúde.

como Lisboa, Coimbra, Braga, Porto e Évora (Portugal); e Rio de Janeiro e Salvador (Brasil).

Ao final, mostra o importante papel divulgador, lá e cá, das Misericórdias e Beneficências Portuguesas, calcadas nos conceitos de "filantropia ou benemerência" como fatores de progresso social e urbano.

Na apresentação, os organizadores antecipam as transformações ocorridas no âmbito da higienização das cidades no século XIX, afirmando que novas concepções terapêuticas se refletiram nos hodiernos padrões arquitetônicos então adotados. Acrescentam que tais concepções foram fruto de década de estudos que integraram pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e de Portugal, havendo permanente diálogo acerca de estudos entre arquitetura, urbanismo, patrimônio cultural e saúde.

Comentam ainda sobre especificidades e problemas relativos à salvaguarda do patrimônio arquitetônico da saúde, tanto em solo ibérico quanto na América Latina, e da importância crescente de publicações similares à analisada para embasar ações que promovam a preservação desses exemplares, incluindo a produção moderna e contemporânea. Destacam o significativo papel e a importância da criação e da atuação da Rede Brasil de Patrimônio Cultural da Saúde.<sup>5</sup>

No primeiro capítulo, Edifícios da Saúde no Rio Oitocentista, a trinca de autores, Inês El-Jaick Andrade, Renato da Gama-Rosa Costa e Éric Alves Gallo,<sup>6</sup> investiga a adoção do neoclassicismo como linguagem arquitetônica para a "roupagem" dos hospitais do Rio de Janeiro no decorrer do século XIX. Reforça essa medida a instituição na cidade da primeira academia de ensino das artes e da arquitetura com forte influência francesa, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios (1816).<sup>7</sup> Averiguaram-se hospitais construídos entre as décadas de 40 e 70 daquela centúria, cuja participação autoral inclui os projetos e obras dos arquitetos José Maria Jacintho Rebelo, Domingos Monteiro, Joaquim Cândido Guilhobel e do francês Luiz Hosxe.

Além das razões de ordem social decorrentes do surgimento de doenças do pós-revolução industrial – visto que o porto carioca passou a receber navios de variadas bandeiras, especialmente a inglesa –, o artigo procura realçar a mudança de mentalidades no campo

Vide: PORTO, Ângela et al. História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico – Rio de Janeiro (1808-1958). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008. Rede Brasil. Inventário Nacional do Patrimônio Cultural da Saúde: bens edificados e acervos. Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006. Vide também: BVS/HPCS – História e Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde. Disponível em: <http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/patrimonio-cultural/>. Acesso em: 13 jan.2021.

6. Para Renato da Gama-Rosa Costa, vide nota 3, acima. Inês El-Jaick Andrade é arquiteta e doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2009). É membro do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), desenvolvendo pesquisas e estudos no Núcleo de Estudos de Urbanismo e Arquitetura em Saúde (NEUAS/DPH). Fonte: COC/Fiocruz. Disponível em: <http://ppgpat.coc.fiocruz.br/index.php/br/docentes/103-corpo-docente/161-ines-el-jaick-andrade>. Acesso em: 14 jan. 2021. Eric Alves Gallo é arquiteto (Centro Universitário Augusto Motta - UNISUAM/2018), mestrando em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação da Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (PPGPAT/COC/FIOCRUZ). Fonte: CNPQ/Lattes. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8451600P3>. Acesso em: 14 jan. 2021.

7. Depois, Academia Imperial de Belas Artes (1826). Com o advento da República, seu nome foi alterado para Escola Nacional de Belas Artes (1890). Vide MAPA/Arquivo Nacional. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/243-academia-imperial-de-belas-artes>. Acesso em: 14 jan. 2021.

8. É docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Atua

artístico. A primeira fase assume a convivência entre o neoclassicismo e o barroco tardio, ainda no século XVIII. A segunda, durante a presença de D. João VI e do reinado de Pedro I, quando o neoclassicismo assume papel oficial da corte com claros vínculos com iluminismo francês e erudito, fortalecido pela presença e influência do arquiteto Gradjean de Montigny na direção e ensino da Academia Imperial de Belas Artes. Segue-se uma nova onda em que se mesclam os trabalhos dos alunos brasileiros da Academia e a presença de estrangeiros, momento em que muitos hospitais são construídos no Rio de Janeiro. Por fim, há o período em que o estilo se espalha pelas províncias e cidades litorâneas.

No contexto particular da Província do Grão-Pará, assunto do segundo capítulo - *Hospitais na Belém Oitocentista: classicismo e diálogo entre matrizes luso-brasileiras* -, que ficou aos cuidados da pesquisadora Cybele Salvador Miranda<sup>8</sup>, destacou-se a influência do trabalho vanguardista de caráter neoclássico em arquitetura, particularmente a religiosa, do arquiteto italiano Antônio José Landi, ainda no setecentos. Este influxo incidiu particularmente nos desenhos das elevações dos hospitais D. Luiz I (Beneficência Portuguesa – 1877) e do Sanatório Domingos Freire (1900).

Miranda urde intrincado panorama da arquitetura de atendimento hospitalar em Portugal e na capital paraense no período ao estabelecer articulações de elementos do repertório neoclássico empregados nessa arquitetura ultramarina, e as sorções entre ambas, vinculadas ao neopaladianismo presente ao norte lusitano, tendo a cidade do Porto como centralidade.

Tais cotejos remetem à necessidade de cuidados de preservação de importante patrimônio pelo testemunho gerado em espaços urbanos, nos permitindo sua leitura e cognição em meio às acentuadas transformações acontecidas em nossas metrópoles.

O terceiro artigo cuidou de examinar a questão relativa ao manicômio na ausente materialidade do Hospital Juliano Moreira do Pará, outro representante do neoclassicismo no Brasil.

No contexto do longo processo de finalização do regime militar, em 1976 surgiram no Brasil as pioneiras expressões críticas do setor de saúde pública no que

no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Tecnologia da UFPA e Coordena o Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural, em que estuda os seguintes temas: patrimônio cultural, história da arquitetura paraense e Arquitetura Assistencial e Saúde. Fonte: CNPQ/Lattes. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4763756U6>. Acesso em: 14 jan. 2021.

9. LUCHMANN, Lígia Helena Hahn; RODRIGUES, Jefferson. O movimento antimanicomial no Brasil. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 399-407, Apr. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232007000200016&lng=en&nrn=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000200016&lng=en&nrn=iso). Acesso em: 01 fev. 2021.

10. PUPPI, Marcelo. **Por uma história não moderna da arquitetura brasileira. Questões de Historiografia**. Campinas: Pontes,

se referia à assistência psiquiátrica. Entre denúncias de fraude, torturas, precarização das condições de trabalho e de inadequados métodos de tratamento, como os eletrochoques e a cronificação do hospício<sup>9</sup>, surgiram propostas de Reforma Psiquiátrica e o fim do sistema de internações manicomiais.

No bojo desses protestos e revisão de métodos terapêuticos, organizou-se amplo movimento antimanicomial que, no caso paraense, acarretou a questionável demolição do antigo prédio do Lazareto dos Alienados, no Bairro do Marco da Léguas, em Belém, conforme os autores do capítulo em foco. Suscitou-se, portanto, o confronto entre a necessidade da preservação da memória coletiva diante do papel da arquitetura como seu suporte, e os aspectos peculiares e estigmatizados dos institutos nosocomiais como locais vinculados ao sofrimento e à dor. Em muitos casos, modelos institucionais dessa natureza foram propositadamente relegados ao esquecimento. Novas ferramentas gráficas e aprofundados estudos comparativos permitem a recomposição virtual do objeto irremediavelmente perdido, mas que desencadeia a memória social e promove a sua revalorização, caso também discutido nesta porção da obra.

O artigo do capítulo 4, *Arquitetura da Saúde como Patrimônio: Hospital D. Luiz da Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará*, elaborado por Cibelly Alessandra Rodrigues Figueiredo, reforça a tese da importância da preservação de exemplares neoclássicos da arquitetura brasileira, singularidades dos paradigmas da arquitetura hospitalar oitocentista. A pouco referenciada obra de Marcelo Puppi, *Por Uma História Não Moderna da Arquitetura Brasileira*<sup>10</sup>, procura discutir a precária situação dos estudos sobre o ecletismo brasileiro sob a pesada hegemonia da historiografia da arquitetura moderna concebida ao abrigo do ideário de Lúcio Costa, questão tangenciada neste segmento da publicação em análise.

As origens dessa arquitetura na região Norte do Brasil, neoclássica, estabelecida no contexto e sob o influxo da higienização urbana, da forte presença de imigrantes portugueses e do aparato decorativo alusivo à burguesia lusitana em solo brasileiro são importantes observações que, mais tarde, irão se refletir no entendimento

11. A historiadora Joana Balsa de Pinho doutorou-se em Arte, Patrimônio e Restauro pela Universidade de Lisboa (2013), com tese sobre a influência das Confrarias da Misericórdia na arquitetura quinhentista portuguesa. Desenvolve atividades nas áreas de estudo e reabilitação do patrimônio histórico, entre outros. Fonte: Hospitalis Disponível em: <https://projecthospitalis.net/pt/joana-balsa-de-pinho/>. Acesso em: 01 fev. 2021. Fernando Grilo é doutor em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2001). É professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1986) e membro da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa (2015). Fonte: Hospitalis. Disponível em: <https://projecthospitalis.net/pt/fernando-grilo/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

12. Daniel Bastos tem formação em História pela Universidade de Évora e concluiu graduação em Teologia pelo Instituto Superior de Teologia de Évora – ambas em 2003. É pós-graduado em Ética e Filosofia Política pela Universidade Católica, em Braga (2013). Fonte: Consulado de Portugal/Paris. Disponível em: <https://www.consuladoportugalparis.org/eventos/>

de seu valor enquanto patrimônio arquitetônico e cultural genuinamente brasileiro. Confirmaria essa hipótese as similaridades encontradas nos hospitais luso-brasileiros – como D. Luiz I (Belém-Pará/Brasil), São João de Deus (Rio de Janeiro-RJ/Brasil) e São José (Fafe- Minho/Portugal) – e a fundamentação dos argumentos finais da autora.

O capítulo seguinte, *A Casa da Misericórdia no Contexto da Arquitetura Portuguesa da Saúde na Centúria do Oitocentos em Portugal*, composto pela dupla Joana Balsa de Pinho e Fernando Grilo<sup>11</sup>, busca compor as relações entre as Congregações da Misericórdia e seu papel promotor de amparo à saúde por ação devocional e de caridade cristã. As obras assistenciais da Misericórdia continuamente contextualizaram-se no interior de suas edificações, sempre aquilatadas no bojo da arquitetura religiosa, em que pese a preponderância da igreja na definição de suas edificações sede. Contudo, estudos atuais, frutos de resultados de pesquisas destes autores, servem de base para o estabelecimento de novos paradigmas que deslocam essas edificações para o âmbito do conjunto da arquitetura assistencial. Nessa ótica, estes exemplares devem ser reinterpretados de maneira a contribuir para a valorização de suas definições arquitetônicas, ora inseridas no campo do patrimônio da saúde.

A seguir, encontramos os resultados de investigações do historiador e teólogo Daniel Bastos,<sup>12</sup> em sua contribuição para o aprofundamento de conhecimentos sobre as trocas culturais oitocentistas luso-brasileiras, no capítulo denominado *O Hospital da Misericórdia de Fafe e a Contribuição da Benemerência Brasileira em Portugal no Século XIX*. Aqui, a revisita às beneficências fundadas por emigrantes portugueses na transição do século XIX para o século XX revelam instituições de referência na área de atendimento hospitalar e de cuidados com a saúde. Contudo, a trajetória historiográfica da emigração portuguesa revela o reconhecido fenômeno "brasileiros de torna-viagem": emigrantes enriquecidos no Brasil que retornam às vilas de origem e que passam a desempenhar importante papel na estrutura social local por intermédio da benemerência, além de seu contributo à reformulação dos modelos edilícios até então vigentes. O artigo refere-se, assim, a uma obra paradigmática de origem brasileira oitocentista – o Hospital da Misericórdia de Fafe

13.

Mestre em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1994). É docente na Universidade Lusitana de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes e Faculdade de Artes e Humanidades e na Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva. Fonte: Revista Convergências: Disponível em: <http://convergencias.esart>.

- calçada no exemplar arquitetônico da "Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro".

O último artigo versa sobre *A Arquitetura Assistencial em Portugal no início do Século XX: o Sanatório de Sant'Ana*, escrito por Maria João Bonina<sup>13</sup> e Fernando Grilo. As dimensões monumentais do antigo sanatório de tuberculosos revelam novas posturas estilísticas introduzidas na arquitetura hospitalar portuguesa: a plena adoção do ecletismo como manifestação de modernidade na implantação de espaços inovadores e bem localizados climaticamente (nas montanhas ou nas proximidades do mar), adequados ao tratamento profilático e de terapia para tuberculose: o sanatório.

No caso do Sanatório Sant'Ana, além da seleção dos tipos de tratamento a empregar, a salubridade do meio ambiente era requisito importante obtido por meio da exposição ao sol e à ventilação natural; tudo conjugado à presença da capela para os cuidados com a alma. A minuciosidade e especificidade do projeto no que tange à qualidade dos materiais de acabamento, dispositivos físicos e equipamentos mecânicos ampliaram a abrangência da arquitetura no resultado terapêutico. Os autores destacam a qualidade decorativa e funcional como elementos estéticos importantes no ordenamento espacial, em que se percebe a introdução de elementos e soluções discretamente vinculadas ao *art nouveau*.

A pesquisa evidencia as modificações formais da arquitetura hospitalar que se adequaram às novas concepções estéticas, científicas e de gestão filantrópica, que se deslocaram da alçada religiosa para a orientação médica. Aponta também para o pioneirismo das soluções adotadas pelo arquiteto Rosendo Cavalheira ao se envolver em soluções inéditas, além de sua vinculação às orientações médicas, motivos adicionais de valorização desse patrimônio.

Por fim, a publicação em tela procurou estabelecer reciprocidades entre os estudos de pesquisadores brasileiros e portugueses, bem como, sintonizar o diálogo das arquiteturas oitocentistas praticadas no aquém e além-mar. A obra evidencia o percurso de permutas de experiências na medida em que os desequilíbrios entre a matriz portuguesa e a brasileira, no que se refere a recursos materiais, tecnológicos e estéticos, foram superados, todo o fenômeno sob processo de diluição das

determinações de caráter religioso entre os médico-científicos – mantidos os fundamentos de caridade cristã, embora substituídas pela assistência filantrópica. O livro organizado por Cybelle Miranda e Renato Costa vasculha com perícia a documentação escrita, fotográfica e cartográfica para restabelecer este percurso. Busca, contudo, solidificar e legitimar como imperativas ações que promovam a preservação e manutenção desses bens que aproximam as raízes artísticas, culturais e identitárias luso-brasileiras.

SDS\_Jan/2021

**Fontes de Financiamento: Instituto Butantan e Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)**